

Minha trajetória

Andreia Ferreira dos Santos

Sou moradora do Quilombo de Raiz, na cidade de Presidente Kubitschek–MG, e meu primeiro contato com a tecnologia digital foi no ano de 2006 quando fiz um curso de informática básico e sem acesso a internet, pois, em 2006 ainda não havia internet na minha cidade. Fiquei encantada com o computador que não era uma ferramenta comumente acessada por mim ou pelas pessoas com quem eu convivia. Me lembro bem de uma expressão que eu e os meus colegas falávamos: _Vamos teclar aquelas teclas macias! Gostávamos, mesmo com as dificuldades para encontrar as letras do alfabeto para digitar o texto. Para acessar um computador com internet, eu frequentava uma *lan house* onde, dentre outras coisas, acessava o *Orkut*. Isso de 2007 a 2009. Eu usava também o bate-papo do MSN para conversar com os amigos.

No ano de 2010 arrumei o meu primeiro emprego como auxiliar administrativo e um dos requisitos foi justamente ter o diploma do curso de informática, o que eu tinha, apesar de minhas habilidades em usar o computador serem limitadas. Em seguida, iniciei uma faculdade a distância e tive que comprar um computador e ter a minha própria internet, pois o curso exigia muitas horas de estudos *on-line* na plataforma EAD. Meus amigos participaram bem desse processo de formação muitas vezes tirando dúvidas de como acessar as redes sociais *Facebook*, os comunicadores *WhatsApp* e *Skype*, *e-mail*, e *Google* para pesquisa de estudos variados. Tenho uma página no *Facebook* chamada Raiz Dourada onde publico acontecimentos, informações mais direcionadas ao Quilombo de Raiz, e os artesanatos feitos de capim dourado que vendo.

Faço diferentes usos das ferramentas tecnológicas. Algumas eu uso para o trabalho como o *Skype* e *e-mail*. Outras eu uso para estudar como o *Google* e a rede social *Facebook*. Na minha vida, nunca houve nenhuma proibição quanto ao uso de nenhuma dessas plataformas.

Tenho uma conta pessoal no *Facebook* onde tenho aproximadamente uns 2 mil amigos, mas muitos não conheço pessoalmente. Uso a minha conta geralmente para divulgar ou defender algo que acredito, postar fotos minhas, de amigos e da

minha família, mas sem muita exposição. Sempre comento, compartilho e posto algo que me interessa, mas nunca participei de nenhuma votação na internet.

Na minha conta pessoal e na minha página Raiz Dourada, que uso para divulgar a cultura do nosso quilombo, já postei vídeos e fotos para ganhar comentários e curtidas.

Geralmente, ao acordar, uso o WhatsApp para conversar e fazer ligações com todos de qualquer operadora telefônica. Essa ferramenta eu acesso com o aparelho celular, *tablet* ou o computador. Ao longo do dia, acesso também o e-mail, o sistema de geoprocessamento do meu trabalho, o *Skype*, o *SIGA*, o *Google para estudar* e o *Facebook*.

Depois de usar as novas tecnologias, parei de revelar fotos e criei apenas pastas no computador onde vou salvando-as de acordo com os locais tirados, ou de quem são as fotos, ou eventos. Parei de recarregar o celular com créditos. Ainda tenho interesse de vender artesanato no Mercado Livre que é um site de vendas, trocas, entre outros.

Essas tecnologias são pouco acessadas pelos meus pais e tios. Percebo que isso é relativo ao acesso à internet que, na comunidade, é limitado. Meu pai e tio quando acessam utilizam apenas o *Google* para fazer pesquisas e compras, principalmente no Mercado Livre. Minha tia já usa o *Google* para pesquisar moda, *design* e tendências, pois ela é uma artesã e precisa produzir colares, brincos, entre outros, de acordo com as tendências atuais. Já a juventude e as crianças procuram ter mais acesso à internet para os jogos.

Estou sempre me relacionando pelo *Facebook* e *WhatsApp*. Muitos desses contatos pertencem ao mesmo grupo social que eu, com culturas diferenciadas e muitos se reconhecem como Povos Tradicionais. Outros contatos são clientes de artesanato de capim dourado, que são visitantes até estrangeiros e pesquisadores interessados. Com as novas tecnologias, eu consigo me comunicar com o mundo, o que é uma experiência positiva. Por outro lado, as experiências negativas referem-se a ter que lidar com publicações sem conteúdo no *Facebook*. Como docente, eu usaria todas as plataformas que conheço como *Facebook* e *WhatsApp*. A partir do momento que há a participação do aluno para

a construção da aula, quebra-se um pouco as relações de poder tornando todos iguais, apenas com saberes diferentes.